

**O ENSINO DA MÚSICA NA ESCOLA FUNDAMENTAL: DILEMAS E  
PERSPECTIVAS**  
**THE TEACHING MUSIC IN THE ELEMENTARY SCHOOL: DILEMMAS AND  
PERSPECTIVES**

Alicia Maria Almeida Loureiro<sup>1</sup>

**Resumo**

O trabalho em foco pretende refletir sobre o entendimento do atual processo e da dinâmica do fenômeno musical dentro das instituições escolares de ensino fundamental. A abordagem do tema através da confluência de dois caminhos: o da pesquisa bibliográfica e o da pesquisa de campo, possibilitou-nos o entendimento de uma prática educativa musical praticamente inexistente dentro do contexto escolar. A reflexão teórica, a partir do material escrito sobre Educação Musical, revelou-nos uma acentuada desarticulação entre o “falar sobre música” e o “fazer musical”, o que acabaria por apontar, sob a ótica de atores envolvidos no trabalho de campo, para o uso e funções inadequados da prática musical, em desarmonia com a realidade do aluno e dissonante com o contexto sociocultural brasileiro.

**Palavras-chave:** Ensino de Música, Ensino Fundamental, Currículo

**Abstract**

This project in focus intends to reflect about the understanding of the process and the dynamic of the musical phenomenon inside the elementary educational institutions. The theme's approach embodies the confluence of two ways: the bibliographical research one and the field research one made possible the understanding that the musical educational practice is almost non-existent within the school context. The theoretical reflection based on the written material about musical education revealed us an extreme disconnection between “talking about music” and “the making of music” which would end up, through the eyes of agents involved with the field work, pointing to the musical practice's inappropriate use and function, in disharmony with student's reality and dissonant with the Brazilian social-cultural context.

**Key words:** Teaching Music, Elementary School, Curriculum

<sup>1</sup> Mestre em Educação/PUC-MG. Pianista e Psicóloga Especialista em Educação Musical e Psicologia Educacional. Licenciada em Música.

## Introdução

Este trabalho<sup>1</sup>, que traz em seu conteúdo a reflexão sobre o ensino de música no âmbito da escolaridade básica surgiu, de certo modo, da constatação da ausência da música, enquanto disciplina, dos currículos das escolas de ensino fundamental do país.

Como educadora musical venho estudando e acompanhando, há muitos anos, a disciplina Música no contexto da escola regular. Além de lecionar no curso infantil, fundamental, médio e superior, em 1993, tive a oportunidade de lecionar música para as crianças internas da FEBEM (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor), de Belo Horizonte e, mais adiante, em 1996, fui convidada para lecionar música numa escola particular, também em Belo Horizonte, cuja clientela atendida era formada por alunos portadores de necessidades especiais.

Durante o processo de construção do conhecimento musical, partimos do pressuposto de que é melhor aprender, construir ou adquirir novos conhecimentos se for através do prazer, da estimulação e da vivência. Dentro do processo didático-pedagógico que buscamos desenvolver, tanto na FEBEM como na escola especial, a ênfase estava no estabelecimento de uma ponte que permitisse a comunicação entre o aluno e a música. Nosso objetivo foi fazer do trabalho de educação musical uma fonte de enriquecimento pessoal e de prazer, despertando no aluno suas potencialidades e ajudando-o a desenvolver o sensorial e o afetivo, o fisiológico e o espiritual. Diferenças e dificuldades devem ser respeitadas, assegurando assim a igualdade no acesso à linguagem musical e à oportunidade de receberem uma educação musical comprometida com a realidade e individualidade de cada um.

O meu interesse pela educação musical aumentou quando, ainda aluna do curso de Licenciatura em Música, pude perceber que era bastante reduzido o número de alunos matriculados neste curso e, conseqüentemente, seriam poucos os professores em condições de atuar no sistema regular de ensino. O estranhamento sentido naquele momento se agravou quando, em 1994, fui lecionar Prática de Ensino de Música na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Embora tivesse lecionado em escolas de diferentes níveis, a realidade mostrava a dificuldade de encontrar escolas de ensino fundamental e/ou médio, quer públicas ou privadas, onde a disciplina Música estivesse inserida em seus currículos escolares, fato que dificultava a realização do estágio obrigatório para a conclusão do Curso de Licenciatura. A situação com a qual nos deparamos mostrava que, embora a Música fizesse parte minimamente do currículo, integrando, juntamente com as Artes Plásticas e o Teatro, a disciplina Educação Artística, criada pela Reforma de Ensino, através da Lei nº 5692/71, ela não se encontrava na proposta curricular da maioria das escolas.

Foram as evidências da desvalorização da música no interior das escolas, mais os longos anos de experiência docente como professora de música que me levaram a desenvolver um estudo sobre o ensino da música, mais especificamente, sobre suas possibilidades e perspectivas como disciplina atuante dentro dos atuais currículos escolares no Brasil.

É prática comum nas escolas, principalmente nas séries iniciais, ouvir música na entrada e saída do período escolar, no recreio, e ainda, de forma bastante acentuada, nos momentos de festividades que obedecem um calendário com datas a serem comemoradas pela comunidade escolar.

Neste sentido, podemos afirmar que a música está presente no cotidiano

escolar de nossas crianças e jovens. Ela está presente em todo e qualquer lugar, pois vem ocupando cada vez mais espaços no cenário social da vida contemporânea. Porém, embora a música esteja presente no cotidiano da escola, questões precisam ser esclarecidas para entendermos o porquê da ausência do ensino sistemático da música e o lugar que vem ocupando no cenário educacional brasileiro.

Com o avanço da tecnologia e com a rapidez da informação é possível conviver com diferentes formas de expressões artísticas, seja através da mídia ou pela participação ao vivo, em eventos culturais que ocupam os espaços, continuamente, em nossas cidades. Os fatos e as informações não param de acontecer, porém vem tirando de nossas crianças e jovens o tempo necessário para a sua assimilação ou rejeição por via da crítica ou da reflexão. Da mesma maneira que as informações são aceitas e assimiladas, estas são rejeitadas ou passam despercebidas, pois estão à mercê do momento, das circunstâncias e de modismos.

Levando-se em conta essa nova maneira de apreender e assimilar a realidade, uma reflexão sobre a atual prática pedagógica musical pode ajudar a esclarecer o valor da educação musical dentro do contexto institucional. Pode ainda, destacar a importância de estabelecermos uma relação pedagógica com crianças e jovens que propicie a sua aproximação e o gosto pelo fazer musical. Precisamos considerar as experiências, necessidades e linguagens de cada um. Por outro lado, devemos estar abertos às novidades, sem contudo desprezar aquilo que precisa ser preservado.

Alunos desinteressados, com pouca concentração e baixo comprometimento, apresentando superficialidade em suas relações com o ensino-aprendizagem precisam ser incitados a experimentar formas de apreensão da linguagem musical, mesclando estilos e procedimentos, proporcionando maior abertura para o diálogo e o fazer musical, aliando experiências e vivências com as possibilidades do encontro com o novo.

Dentro deste quadro, levando-se em consideração os Parâmetros Curriculares Nacionais e o novo perfil de cidadão que hoje se espera, o momento é de redefinição do ensino de música.

#### Segundo os PCN

“[...] as oportunidades de aprendizagem de arte, dentro e fora da escola, mobilizam a expressão e a comunicação pessoal e ampliam a formação do estudante como cidadão, principalmente por intensificar as relações dos indivíduos tanto com seu mundo interior como com o exterior.” (PCN, Arte, Introdução, 1998: 19).

Desta forma, uma análise é fundamental para se redimensionar o papel da música na escola e buscar as condições necessárias para que possa vir a ter um papel e um valor significativo no processo de educação escolar. Desde que o ensino de música deixou de ser obrigatório nas escolas (com o fim do Canto Orfeônico e, mais tarde, a sua inclusão na Educação Artística) esta área de conhecimento vem sendo desprestigiada, ou mais do que isto, excluída do currículo escolar.

Atualmente, sabemos que poucas escolas incluem em seu currículo a disciplina Música. Quando há, o que encontramos é o uso excessivo da prática do cantar. Canta-se demais, de modo inconsciente e mecânico e, o que é ainda pior, sem levar em consideração a realidade do aluno levando-o, cada vez mais, a distanciar-se do prazer do fazer musical.

Para que o ensino de música chegue a ser um veículo de conhecimento e contribua para uma visão intercultural e alternativa frente a homogeneização da atual

cultura global e tecnológica é necessário partir de uma idéia clara, concreta, que viabilize ações conectadas à vida real. A intencionalidade dirigida e coerente com o universo de alunos pode levar a integração de capacidades, modos pessoais de pensar, sentir e agir na busca do conhecimento global, novas experiências e vivências.

### **Aportes Teórico- Metodológicos**

Buscar o sentido e o significado da educação musical no ensino fundamental levou-me a abordar o objeto através da confrontação da literatura atual em Educação Musical com a fala dos professores. Foram entrevistados quatro professoras e uma diretora de uma escola da rede estadual de ensino do Estado de Minas Gerais sobre o ensino de música na escola fundamental, sua concepção e percepção, a partir de seu envolvimento no Projeto “Música na Escola”, da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, no período de 1997-1998. Decidimos também ouvir duas professoras de música, especialistas em Educação Musical por julgarmos importante suas experiências e práticas docentes para análise em questão.

Para nós, são duas realidades significativas, o discurso e a prática, uma vez que percebemos uma dissonância entre o ensino da Arte (Música), que está instituído e garantido legalmente com o fazer e ensinar música, enquanto disciplina, dentro do contexto escolar mais restrito e mais democrático, ou seja, dentro das salas de aula.

O quadro bastante desolador do ensino da música na escola fundamental, com pouquíssimos professores de música atuando de forma efetiva e educativa, e com milhares de alunos distantes do contato prazeroso e relevante do fazer musical, levou-nos a refletir sobre esta prática e sua complexidade dentro do cotidiano escolar.

O nosso testemunho enquanto educador musical, interessado e motivado por entender a atual situação institucional do ensino de música – ausente e desvalorizada no nosso entender – nos levou a formular as seguintes questões norteadoras do nosso estudo:

1. Qual o sentido e o significado da educação musical?
2. Que aspectos devem ser considerados na educação musical?
3. Qual é o lugar que a educação musical ocupa no atual currículo do ensino fundamental?
4. Quem é o educador musical? Qual o estado atual da sua formação pedagógica?
5. Quais as possibilidades e limites para a educação musical enquanto disciplina nas escolas de ensino fundamental?

O ensino da música como disciplina inserida no currículo da escola fundamental apresenta-se hoje como uma área de conhecimento onde a diversidade de funções e a variedade de abordagens impede a construção de uma prática educativa democrática, abrangente e formativa.

Diante da realidade brasileira, a educação musical a nível de ensino fundamental não apresenta uma característica própria, um direcionamento que lhe dê a identidade de saber escolar, com possibilidades de acesso irrestrito à prática musical, onde se articulam experiências adquiridas tanto fora quanto dentro do sistema escolar de ensino.

Essa situação de marginalidade levou-me a explorar, dentro da perspectiva educativa, o ensino da música como um campo de conhecimento onde as relações

entre ideologia, valores e práticas sociais incorporam uma concepção de arte que é refletida dentro de uma instituição como a escola.

Inicialmente, enfatizamos nossa análise nos momentos e acontecimentos mais importantes, como o movimento do Canto Orfeônico, ocorrido nos anos 30, a reforma de ensino que transformou e diluiu, na década de 70, o ensino de música na disciplina Educação Artística e, por fim, uma análise do atual momento da prática musical na escola fundamental.

Numa segunda etapa, verificamos como se dá a prática musical cotidiana nas escolas, apontando elementos importantes que podem viabilizar, através de uma reflexão mais profunda, um diálogo mais caloroso entre os enunciados teórico-metodológicos e uma real e significativa ação pedagógica musical na atualidade.

A análise da situação do ensino de música na escola fundamental foi feita a partir de pesquisa realizada numa escola da rede pública estadual de Belo Horizonte, situada em um bairro da periferia, cuja clientela atendida é de baixa renda.

Sua escolha se deu em decorrência de três fatores: o primeiro, por atender à proposta inicial desse trabalho, ou seja, entender, no momento atual, o ensino da música na escola de nível fundamental e, para tal, precisaríamos de uma escola onde o ensino da música estivesse presente, embora com menor intensidade que na época de sua participação no projeto. O segundo fator, que nos pareceu relevante, deve-se à inclusão dessa escola no projeto Música na Escola, uma tentativa do governo do Estado de Minas Gerais de retornar com o ensino da música nas escolas públicas estaduais. De um total de dezesseis escolas da região metropolitana de Belo Horizonte sorteadas para participar da primeira etapa do projeto Música na Escola, denominada de Projeto Piloto, no período de 1997-98, a escola em questão foi a única, na época da pesquisa de campo, que ainda reunia em seu corpo docente a maioria dos professores que participaram desse projeto. Um terceiro fator levou em conta a possibilidade de relacionarmos uma concepção de educação musical apresentada em uma proposta criada por um grupo de educadores artístico-musicais, com uma base teórica bem fundamentada, com a viabilidade dessa prática através da capacitação de professores regentes para um trabalho de musicalização nas quatro primeiras séries do ensino fundamental.

De acordo com a proposta apresentada à Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, o projeto tem como meta

*“a implantação de um processo contínuo de interação entre a alfabetização e a educação musical, nos quatro primeiros anos do ensino fundamental. Esse processo terá sua culminância no quinto ano escolar, quando os estudantes poderão se aprofundar em seus conhecimentos e práticas musicais” (Projeto Música na Escola – Proposta de prestação de serviços, Belo Horizonte/MG, fev. 1997).*

Esse projeto, que buscou implantar o ensino de música nas escolas públicas da rede estadual, capacitando professores alfabetizadores e de educação artística para o trabalho de educação musical; com aplicação, nas escolas, dos conhecimentos adquiridos pelos professores durante a fase de treinamento; visando planejamento da irradiação gradativa do projeto para toda a rede estadual, e, ainda, contando com a integração dos conservatórios estaduais ao projeto, visando a formação de professores de música que atuarão em suas regiões não teve melhor sorte.

Embora tenha atingido parte dos seus objetivos, ou seja, implantar gradativamente o Planejamento Global, elaborado em 1997, para o ensino de música nas Escolas Públicas Estaduais, por meio dos professores alfabetizadores da rede

*pública estadual e, como previa o Módulo II, por meio de treinamentos intensivos de professores nos 'Núcleos Especiais de Educação Musical', implantados nos 12 (doze) Conservatórios Estaduais de Música, este projeto não atingiu o seu objetivo maior, ou seja, voltar com o ensino da música nas escolas públicas da rede estadual de ensino.*

Nossa intenção não foi generalizar a participação desses professores no projeto ante a totalidade dos professores e escolas participantes, mas sim contribuir para o entendimento e esclarecimento da situação do ensino da música, enriquecendo a temática em questão.

Os educadores musicais foram escolhidos devido a sua atuação em escolas de música, responsáveis pela formação do futuro educador musical. A intenção foi buscar nesses professores, através da larga experiência com a educação musical, o entendimento do por quê o educador musical formado pelas escolas de música não chegam às escolas. O caso dessa escola e a maneira como esta e seus professores lidam com a música e as articulações com a produção teórica evidenciaram que o ensino da música ainda está impregnado de práticas conservadoras, onde predomina o ensinar cantando, um "cantar" bem distante da realidade dos alunos e da realidade sociocultural como um todo.

Nenhuma delas possuía algum preparo formal para atuar na educação musical, embora duas tivessem alguma experiência, adquirida na organização de corais na Igreja ou em outra escola. A música está presente no cotidiano de todas elas. Dessa forma, embora nenhuma "arranje" qualquer instrumento, uma canta no coral da Igreja, outra a utiliza como pano de fundo para outras atividades: "eu ouço mais música do que assisto televisão...porque a música, você põe no rádio e vai fazendo alguma coisa" (Professora A).

E, apesar do excesso de trabalho e das dificuldades financeiras, sempre que possível assistem a shows:

"O último que eu fui, foi o do Milton Nascimento e do Caetano Veloso, no Palácio das artes. Foi ótimo. Um show de duas horas e meia que ninguém viu passar" (Professora A).

"Uê, a última vez foi no mês passado, a gente foi no teatro, no Casanova. E essa semana agora, este final de semana, a gente vai no Kart, na Pampulha, sabe. É um show musical." (Professora C).

Uma delas tem na música um projeto para o futuro: "Já falei, quando eu aposentar eu quero cantar no coral da Igreja" (Professora A).

O projeto Música na Escola, apesar de ter sido imposto, foi bem recebido pelas professoras, sendo que nenhuma delas manifestou qualquer reação ao fato de ter partido de cima para baixo, pelo contrário, ele foi considerado prazeroso. Com a mesma "naturalidade" que aceitaram o projeto, assistiram o seu fim: "...o governo mudou, o projeto acabou." (Professora D), uma vez que já estão habituadas à descontinuidade das políticas públicas para o setor educacional.

Apesar de verem com pesar mais essa interrupção: "... foi uma pena" (Professora D), não demonstraram qualquer indignação em relação a esse fato. Embora tenham notícia da presença da música nos PCN, não relacionam o Projeto Música na Escola às novas diretrizes em relação ao currículo. Ele foi recebido como uma estratégia para o combate à violência na escola, tendo por isso "atingido as escolas da periferia, ...prá tirar a agressividade, prá colocar as crianças mais calmas" (Professora D), e como recurso para aumentar a produtividade do ensino "prá ajudar na alfabetização" (Professora B).

Com a mesma naturalidade que assistiram seu início e seu término, aguardam que o governo tome novas iniciativas para garantir a presença da música na escola.

### **Reflexões sobre a educação musical no ensino fundamental brasileiro**

A educação musical, entendida como ciência ou área de conhecimento, não escapa de conviver e de se defrontar com constantes situações problemáticas que são peculiares ao atual momento. Diferentes práticas são propostas com a intenção de amenizar as necessidades pedagógicas musicais decorrentes da diversidade de concepções de conhecimento e de mundo. Mesmo que o ensino da música nas escolas de ensino regular esteja diluído em práticas metodológicas diversas, muitas vezes por falta de fundamentação teórica consistente ou por uma formação inadequada do educador musical, a educação musical envolvida no contexto mais amplo do fenômeno educação não pode negligenciar-se a entender que a “pluralidade não significa renunciar à identidade e não pode, em caso algum, justificar a dispersão, a falta de rigor ou a superficialidade científica” (Pimenta, apud Souza, 1996: 12).

São muitos os problemas enfrentados pela área de educação musical. Dentre eles, consideramos como os de maior importância a falta de sistematização do ensino de música nas escolas de ensino fundamental, e o desconhecimento do valor da educação musical como disciplina integrante do currículo escolar.

Para o professor Koellreutter (1998: 40-41), “a função da arte varia de acordo com as intenções da sociedade. Porque o sistema social, o sistema de convivência inter-humana, é governado pelo esquema de condições econômicas. (...) Na nossa sociedade, o cinzeiro de ‘arte representativa’, como objeto de ornamentação de uma classe social privilegiada, como um ‘status-símbolo’ na vida privada de uma elite social não envolvente, não é mais relevante.”

Valores atribuídos à música sofreram modificações, alterando concepções de ensino e exercendo influência sobre o conteúdo a ser ensinado. Presente em diferentes épocas e sociedades, e em diversos contextos da educação escolar, é possível perceber que os valores são subjacentes a cada tipo de sociedade, a qual se incumbem de estruturá-los e legitimá-los.

A música, como qualquer conhecimento, entendida como uma linguagem artística, organizada e fundamentada culturalmente, é uma prática social, pois nela estão inseridos valores e significados atribuídos aos indivíduos e à sociedade que a constrói e que dela se ocupam.

Na educação em geral, e nela incluindo a música, não como música pela música, mas como instrumento de educação, sua presença pode surgir de forma dinâmica e produtiva e, neste sentido, Koellreutter (1998: 41) acredita que “no tocante à música na sociedade moderna – ou melhor, no tocante à educação pela música, a mais importante implicação desta tese é a tarefa de despertar, na mente dos jovens, a consciência da interdependência de sentimento e racionalidade, de tecnologia e estética. No fundo, isto significa desenvolver a capacidade do ser humano para um raciocínio globalizante e integrador.”

No processo educativo musical, nada é significativo no vazio, mas apenas quando relacionado e articulado no quadro das experiências acumuladas, quando compatível com os esquemas de percepção desenvolvidos. E, nesse sentido, a música pode produzir um estado de maior flexibilidade, abrindo caminhos para um fluxo amplo de idéias, de fantasias, estreitando laços nas relações sociais, estimulando a criatividade nos indivíduos e nos grupos.

Embora nos meios científicos e acadêmicos a música seja reconhecida, na realidade isso não ocorre. O que encontramos nas escolas são práticas isoladas, bastante variáveis e irregulares. Em algumas poucas escolas há professor e carga horária específica para música; em outras, só há o ensino da música na educação infantil (mesmo assim como função recreativa); em outras, a aula de música se resume a formar e a ensaiar uma banda ou um coral, porém, tais práticas envolvem apenas alguns alunos, deixando a maioria excluída. Sendo assim, se visamos uma educação musical que atenda a todos os alunos, a constituição de pequenos grupos, como o coral ou a banda, não atenderia ao propósito de uma educação ampla e democrática.

O que se vê na maioria das vezes é que o espaço reservado para a música está incluído no da Educação Artística, disciplina que ainda tem as suas atenções voltadas para as artes plásticas ou cênicas. Decorre daí que o professor de Educação Artística, de formação abrangente e polivalente, não encontra meios para desenvolver objetivos propriamente musicais.

No contexto atual, marcado pelo crescente avanço da tecnologia, várias manifestações culturais se propagam de modo bastante intenso, rápido e diversificado. Não seria exagero imaginar que as crianças e jovens, fortemente influenciados pela mídia, teriam à sua disposição uma variedade musical imensa e rica, formada por músicas de vários estilos, formas e épocas. Entretanto, sabemos que essa disponibilidade não está ao alcance de todos e, o que é pior, contempla apenas aqueles que dispõem de condições apropriadas para a sua apreensão.

Colocar a música ou o estudo dela como condição de status, um privilégio que só é reservado a poucos em condições de pagar um professor particular ou de freqüentar uma escola especializada levou muitas pessoas a acreditarem (e, ainda hoje, continuam acreditando) que o ensino da música estava reservado às pessoas que possuíam o “dom” ou o “ouvido musical” apropriado para a prática da música. Tal estigma gerou a exclusão indiscriminada das pessoas e, conseqüentemente, possibilitou uma espécie de aversão, indisposição e um distanciamento gradativo com relação à prática musical.

Isso significa que a escola prioriza aqueles alunos que já possuem capital cultural, privilegiados de uma classe cultivada, para a qual vem direcionar um ensino elitista e excludente.

Esse quadro, ainda presente em nossas escolas, confirma que a função da escola continua sendo a de efetuar a transposição didática dos conteúdos legitimados pela hierarquia dos bens culturais e, no caso da música, conteúdos musicais que se definem como sendo “música clássica”, “música séria” ou “música de verdade”. Nesse caso, nas raras escolas em que a música ocorre, encontramos geralmente o ensino da música bem distante do contexto escolar e da realidade dos alunos.

A educação musical vê-se, pois, diante de um desafio que, sem dúvida, apresenta-se como primordial para uma prática efetiva e consistente do ensino de música. É preciso promover, de modo mais amplo e democrático, uma educação musical de qualidade para a escola de ensino fundamental.

O fato é que se há música como disciplina escolar, pouco tempo é reservado para a sua prática, a não ser como recreação ou como recurso didático, auxílio imediato para a promoção de festas escolares ou para minimizar as dificuldades no processo de ensino e de aprendizagem.

Na maioria das escolas onde há o ensino de música, os professores continuam reduzindo essa disciplina à realização de atividades lúdicas, com aspectos agradá-



veis, em que o produto final é mais importante do que o processo de aprendizagem que busca, como objetivo, a aquisição de um novo conhecimento. A música como atividade educativa, quando inserida no contexto escolar, encontra ainda, como foi apontado ao longo deste trabalho, uma série de limitações, tais como carência de material músico-pedagógico, salas inadequadas, tempo disponível reduzido, além de turmas numerosas e heterogêneas.

Outro limite que se impõe à educação musical escolar diz respeito à ausência de um método atrativo e realista que, em concordância com o desenvolvimento psicossocial do aluno, lhe possibilite um aprendizado prazeroso, acessível e voltado para o seu crescimento pessoal. São raras as escolas que dispõem de um trabalho musical bem orientado e metodologicamente estruturado, com possibilidades de garantir a sua continuidade. O processo de ensino-aprendizagem requer constante adequação e renovação de atividades e de materiais músico-pedagógicos, conhecimento e disponibilização de recursos metodológicos que possam promover as condições necessárias como forma de assegurar a apreensão do conhecimento musical, o constante interesse do aluno e que, assim, possa devolver a alegria musical.

Uma concepção de educação que pretenda a transformação e o crescimento do indivíduo implica, portanto, uma maior aproximação e abrangência do conhecimento musical propiciando, dessa maneira, uma maior aproximação entre os diversos segmentos da cultura e da sociedade.

O espaço acadêmico, nesse sentido, pode ser um produtor de música. Isto significa que a escola pode abrir caminhos para um fluxo amplo de idéias, de fantasias, estreitando laços nas relações sociais, estimulando a criatividade nos indivíduos e nos grupos. Contudo, é preciso dar à educação musical um caráter progressivo, que deve acompanhar a criança ao longo de seu processo de desenvolvimento escolar. Momentos devem ser adaptados às suas capacidades e interesses específicos. É preciso ter consciência e clareza para introduzir o aluno no domínio do conhecimento musical. Isso significa que é fundamental o papel da escola no estudo da cultura musical, pois nela, como terreno de mediação, poderão ocorrer as trocas de experiências pessoais, intuitivas e diferenciadas. Daí a necessidade de não perdermos de vista as práticas musicais que respondem a movimentos sociais e culturais que vão além dos muros da escola mas refletem, mais cedo ou mais tarde, no interior da sala de aula.

Desacertos são cometidos no ensino da música em decorrência do desconhecimento da natureza dos elementos fundamentais como o som, o ritmo, a melodia, o ouvido musical, a harmonia e a inspiração no momento do fazer musical. Para isso, é necessário considerar bases novas, mais amplas, que nos possibilitem transcender e libertarmo-nos das idéias preconcebidas que entraram no decurso do ensino de música. Não é necessário rejeitar os valores tradicionais. O que importa é entender que existe hoje uma diversidade de formas de pensar, de lidar e de gostar de música revelados no cotidiano escolar que devem ser considerados na articulação e no entrelaçamento da construção do conhecimento musical.

Entendemos que é preciso romper com os mecanismos que fazem com que a escola simplesmente tome para si a postura de reafirmar a familiaridade musical dada a alguns por seu meio sociocultural. Percebe-se aí, que o panorama de nossa cultura musical concentra-se em dois pólos distintos e complexos. De um lado, a cultura musical de nosso país segue privilegiando uma minoria iniciada tecnicamente, que tem acesso a uma escola especializada de música. O objetivo principal é a formação do músico/intérprete, gerando uma aprendizagem árida e carente de sentido. No lado oposto está a grande massa escolar, milhares de alunos de escolas públicas e privadas que, na ausência de uma política educacional coerente com a formação plena

do aluno, encontram-se desprovidos de uma educação musical que os acompanhe no percurso da escolaridade básica.

A formação do professor através do Curso de Magistério do ensino médio, carece dos fundamentos mais elementares da arte musical, além do mais, pretender o domínio do conteúdo musical em um curto espaço de tempo, impossibilita qualquer trabalho sério e efetivo.

Se, atualmente, são raras as escolas que se propõem a realizar um trabalho bem orientado e metodologicamente estruturado para o ensino da música, não menos rara é a presença do professor especializado para dispor-se a um trabalho dinâmico e de qualidade.

Esses parecem ser, no âmago da situação, os maiores obstáculos para a inclusão da música na escola de ensino fundamental do país.

É preciso, em nome do resgate da alegria escolar (Snyders, 1992), tomarmos consciência das verdadeiras carências pedagógicas no domínio do ensino musical e projetar um plano estratégico, transparente e inovador, que tenha objetivos claros e bem definidos que possam ser efetivados no cotidiano da vida escolar.

A escola, como espaço de construção e reconstrução do conhecimento, pode surgir como possibilidade de realizar um ensino de música que esteja ao alcance de todos. A ousadia ficaria por conta de tentativas de democratizar o acesso à arte, de se projetar nesta tarefa de renovação, reconstrução e, mais ainda, de apoiar as atividades pedagógicas musicais, considerando-as qualitativamente significativas.

Se o verdadeiro objetivo é aproximar o aluno da música, levando-o a gostar de ouvi-la, apreciá-la e compreendê-la, é preciso, com urgência, preencher o vazio musical no cotidiano escolar o qual, ao mesmo tempo, como num acellerando, deixa-se escapar aos nossos olhos, e como um allargando, deixa-se escapar aos nossos ouvidos.

Não podemos permitir que a música se cale nas escolas brasileiras.

### **Conclusão**

Este estudo teve por objetivo analisar o ensino da música na escola fundamental. Para compreendermos melhor as razões que levaram a música a se distanciar do cotidiano escolar brasileiro buscamos o apoio da literatura atual em Educação Musical confrontando-a com a fala de especialistas da área e de professores incumbidos de seu ensino numa escola pública estadual de Belo Horizonte.

No que diz respeito aos teóricos da Música, especialmente os que tratam da Educação Musical, há o consenso de que a função e o significado do ensino de música na escola fundamental estão aquém dos que hoje lhe são atribuídos.

A literatura veio contribuir para o esclarecimento das questões iniciais apontadas neste trabalho, tornando evidente que, embora ausente dos currículos, a educação musical está em busca de novos caminhos.

Vimos ao longo deste trabalho, que o ensino da música no Brasil passou por períodos de grande efervescência sonora interrompidos, entretanto, por momentos de angustiante silêncio. À medida em que nos aprofundávamos em nossa reflexão sobre o ensino da música como prática escolar, esses momentos tornavam-se esclarecedores para o entendimento da função atribuída à música como disciplina escolar.

Nessa trajetória, marcada por transformações culturais, sociais e políticas, o

ensino da música refletiu a influência de diversas concepções pedagógicas – das concepções tradicional, progressista e, mais recentemente, da concepção interacionista. Entretanto, pudemos constatar a predominância da abordagem tradicional nas práticas educativas musicais. Esse fato se evidenciou na escola pesquisada, mesmo apesar de as professoras entrevistadas terem participado do Projeto Música na Escola, da Secretaria de Educação de Minas Gerais, no período de 1997/98. Através da análise de seus depoimentos, observamos que a música foi utilizada, inicialmente, como suporte didático no processo de alfabetização e como apoio para a manutenção da disciplina escolar: “A música pode ajudar na disciplina. O ritmo ajuda na alfabetização, na multiplicação.” (Professora D); “Esse ano eu não coloquei a música ainda. A sala está mais tranqüila. O ano passado eu *estava com uma turma muito difícil. Aí eu colocava muita música.*” (Professora C). *Hoje, sua prática está restrita a festividades do calendário escolar: “O jeito que eu dou é desta forma. É com musiquinha no dia que a gente pode, no dia que o ‘som’ está liberado. E, também, essas questões de homenagens do Dia das Mães, Dia dos Pais. Aí, a gente introduz a música.”* (Professora B); “*Não há atividades com música com freqüência. Só em festas, danças, festas comemorativas. Só em festinhas, assim que eu uso.*” (Professora C).

Além disso, verificamos que a vivência musical cotidiana das professoras e as orientações recebidas durante o curso de musicalização, não foram suficientes para afinar o canto dessa escola com a realidade musical do seu aluno.

Apesar de existir um consenso entre a produção científica, as educadoras musicais e as professoras de ensino fundamental sobre a importância da música na educação da criança e do jovem, como mostra a pesquisa, sua implementação na escola, quando ocorre, está muito distante de seu verdadeiro significado priorizando, como já foi mencionado, aspectos disciplinares e atividades festivas.

O silenciamento das escolas foi conseqüência de um processo em que pesaram fatores de ordem política, cultural e pedagógica. Dessa forma, não basta apenas reintroduzir a música no currículo escolar das escolas. Sua inserção no universo escolar depende, antes de mais nada, de uma reflexão mais profunda da atual realidade educacional brasileira para que nela a música possa ser vista e entendida como um componente curricular importante para a formação do indivíduo como um todo.

Depende, ainda, de uma vontade política e de investimentos, sobretudo na formação do professor. Se, atualmente, são raras as escolas que se propõem a realizar um trabalho bem orientado e metodologicamente estruturado para o ensino da música, não menos rara é a presença do professor especializado para dispor-se a um trabalho dinâmico e de qualidade.

Dessa forma, as indicações nos Parâmetros Curriculares não são suficientes para romper esse silêncio que ecoa no interior das escolas. Fruto de uma política educacional equivocada, esse silêncio que calou as vozes de milhares de crianças e jovens, deve se constituir num ponto de partida para um novo caminho para a música na escola. Caminho esse pautado pelo seu entendimento como uma linguagem com possibilidades de transformar, modificar e estabelecer uma nova concepção de homem, de sociedade e de mundo.

É preciso, em nome do resgate da alegria escolar, tomarmos consciência das verdadeiras carências pedagógicas no domínio do ensino musical e projetar um plano estratégico, transparente e inovador, que tenha objetivos claros e bem definidos que possam ser efetivados no cotidiano da vida escolar.

Nessa perspectiva, ao buscar elementos para compreender a atual situação

do ensino da música na escola fundamental brasileira, acreditamos estar contribuindo para o debate e o diálogo necessários à reintrodução da música no universo escolar, certos de que, para isso, há um longo caminho a ser percorrido.

### **Bibliografia**

KOELLREUTTER, Hans J. Cadernos de Estudo: *Educação Musical*, São Paulo, n. 6, p.1-210, 1998.

LOUREIRO, Alicia M. Almeida. **O ensino da música na escola fundamental: um estudo exploratório**. 2001. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Minas Gerais.

SNYDERS, George. *A escola pode ensinar as alegrias da música?* São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA, Jusamara. Contribuições teóricas e metodológicas da sociologia para a pesquisa em educação musical. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 5, SIMPÓSIO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 5, 1996, Londrina. *Anais...* Londrina: ABEM, 1996, p. 11-40.

### **Documentos e fontes estatísticas**

*Projeto “Música na Escola”*. Módulo I - Proposta de Prestação de Serviços, Belo Horizonte, fev. 1997.

*Projeto “Música da Escola”* – A música das Escolas Públicas do Estado de Minas Gerais, 1998.

*Projeto “Música na Escola”* – Módulo II – Proposta de Prestação de Serviços, Belo Horizonte, 1998.

### **Legislação**

BRASIL. Lei n. 9394, de 20 dez. 1996. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Educação Artística: leis e pareceres*. Brasília: MEC, 1982.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais* – documento introdutório, versão ago. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte* – versão preliminar, ago. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte*. Ensino de primeira à quarta séries, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte*. Ensino de quinta à oitava séries, 1998.

<sup>1</sup>. A dissertação, cujo resumo aqui se apresenta, foi defendida em 20 de dezembro de 2001, junto ao Curso de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG).